

ATELIÊS DE ESCRILEITURAS: MODOS DE ESCRITA A N-1

Samuel Molina Schnorr¹
Carla Gonçalves Rodrigues²
Josimara Wikboldt Schwantz³

Resumo

A investigação operou por meio dos Ateliês de Escrita: *Conatus e Rabiscos de sensações na produção de um corpo criancero*. O trabalho teve por objetivo fazer “escrever a n-1”, segundo um agenciamento rizomático de saberes. Produziram-se escrituras a partir de elementos extraídos da arte, da filosofia e da ciência. Destacam-se os Ateliês na proposta de uma escrita que extraí a unidade da multiplicidade, de uma vida potente e saudável.

Palavras-chave: Educação. Filosofias da diferença. Ateliês de Escrita.

Resumen

La investigación trabajó a través de los talleres de Escrita: conato y rasguños sensaciones en la producción de un cuerpo criancero. El estudio tuvo como objetivo "escribir a n-1", de acuerdo con un conjunto rizomática de conocimiento. Escrituras fueron producidos a partir de elementos extraídos del arte, la filosofía y la ciencia. Destacan los talleres en el proyecto de escrito para extraer la unidad de la multiplicidad, una vida poderosa y saludable.

Palabras clave: Educación. Filosofías de la diferencia. Talleres de Escrita.

Introdução

Muito se fala de uma vida contemporânea. Diferente de outrora, ao fazer-se incluído de variações nas relações interpessoais, nos modos estabelecidos para a comunicação e modificações nas experiências vivenciais com o tempo-espaço. Dessa forma, para enfrentar a temática de pesquisa sobre o mal-estar docente foi necessário evitar as armadilhas do pensamento moderno dualista, para assim acionar a dimensão da existência coletiva na prática professoral, delineada pelas forças constituintes dos processos de subjetivação.

¹ Mestrando no PPGE da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: schnorr_m@yahoo.com.br

² Professora na Universidade Federal de Pelotas. E-mail: cgrm@ufpel.tche.br

³ Mestranda no PPGE da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: josiwikboldt@hotmail.com

É fato, o absenteísmo trabalhista e o abandono da profissão docente tornam-se latentes nos dias de hoje. A retirada do trabalho, cada vez mais, vem sendo justificada como maneira de aliviar tensões acumuladas. Nesse sentido, alguns professores recorrem frequentemente aos pedidos de licença ou a ausências por pequenos períodos, configurando solicitações oficiais de afastamento. A maior incidência desses casos é observada no início do ano letivo – em função dos padrões organizacionais da escola – e nos períodos de avaliação, regredindo nas férias e, por vezes, culminando na desistência do exercício da profissão.

Nessa direção, este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa intitulada *Docência contemporânea: ditos e não-escritos sobre o mal-estar docente*, portadora de um esforço que articula e tenta produzir um pensamento teórico-metodológico que faça frente às estruturas de controle e aos regimes de assujeitamento. Com isso, busca-se a possibilidade de emergir estratégias de resistência e de criação no que tange às narrativas afirmativas do estado doente em que alguns professores se encontram. Trata-se, portanto, da problematização e análise do fenômeno dito mal-estar docente (ESTEVE, 1999) a partir da proposta de experimentação para ler e escrever na multiplicidade de materiais oferecidos nos Ateliês de Escrita⁴.

A presente pesquisa, bem como a intervenção proposta como elemento de análise, tem seu *lôcus* de desenvolvimento em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, adotando como sujeitos os professores da rede pública estadual desta localidade. Intencionou-se, inicialmente, averiguar a possível incidência do mal-estar docente neste cenário, buscando dados documentais que configurassem o grau de afastamento destes profissionais do ambiente de trabalho, assim como as possíveis causas e consequências para que isto ocorra.

Conforme alguns dados obtidos em relação ao número de afastamentos dos professores por motivos de saúde, afirmaram-se o interesse e a relevância de problematizar a temática, passando a escolher uma Escola para a continuidade da investigação. Dos 26 professores da Escola participante, 23 responderam um

⁴ A pesquisa com Ateliês de Escrita é um projeto financiado pela CAPES do Programa Observatório da Educação, coordenado pela professora Sandra Mara Corazza. Reúne as seguintes Universidades brasileiras: UFRGS, UFMT, UFPel e UNIOESTE-Toledo.

questionário padrão⁵, o qual informa sobre a relação entre esses afastamentos e a prática pedagógica. Como resultado obteve-se: 43% apresentaram a possibilidade de desenvolver Burnout, 31% estariam em fase inicial do adoecimento, enquanto, em 26% do grupo, o fenômeno estaria começando a se instalar.

Para tal objetivou-se, com esse trabalho, indagar o fenômeno do mal-estar docente numa tentativa de duvidar de seus conceitos e significados postos. Também, problematizando-o segundo uma perspectiva filosófica deleuziana, tentando projetar outros dizeres sobre o conceito existente no campo da educação, a fim de criar possibilidades de existir através dos encontros favorecidos entre a filosofia, a arte e a ciência. Nessa perspectiva, apostou-se na escrita como forma de desenvolver outra linguagem para se ver e ouvir por intermédio das palavras e, assim, potencializar a vida como um processo empreendedor de saúde⁶.

Propomos, nesta pesquisa de intervenção, uma escrita assentada na multiplicidade, em um sistema de *n-1* dimensões, em que o *Uno* opera apenas como aquilo que deve ser retirado para produzir o inédito, favorecendo o múltiplo, e que não tenha necessidade de unidade para formar um sistema (DELEUZE; GUATTARI, 1995). As multiplicidades são, assim, sistemas que refutam a hierarquia ou a qualquer outra forma de unificação. Formando-se quando linhas de forças intensivas e abertas conectam elementos heterogêneos, como aqueles utilizados nos Ateliês de Escrita, que tem por objetivo fazer escrever a *n-1*, conforme a perspectiva filosófica aqui adotada, buscando problematizar o discurso de adoecimento dos professores, através dos dispositivos artísticos, literários e filosóficos.

Metodologia

⁵ Questionário preliminar de identificação de *burnout* elaborado e adaptado por Chafic Jbeili, inspirado no Maslach Burnout Inventory – MBI.

⁶ O conceito de saúde trabalhado neste texto provém da ideia de Deleuze (1997, p. 14) referenciando Michaux, quando diz da literatura como empreendimento de saúde: “não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro, mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provem do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis”.

Como ação intervencionista na escola, a investigação operou por meio de Ateliês oferecidos aos professores da rede de ensino estadual, visando ativar as quatro funções do ego: pensamento, percepção, criação e comunicação (ZIMERMAN, 1993). Em seus procedimentos de leitura e de escrita, os Ateliês de Escrileituras implicam o campo do vivido, das sensações e das invenções. O ato de ler e de escrever é tomado como ação criadora de sentidos diferentes para cada leitor-escritor, em seus processos de subjetivação, bem como exercem importantes funções sociais, culturais, comunitárias, éticas e políticas.

Foi feita uma aposta nos Ateliês (escrita-pela-leitura e leitura-pela-escritura) pelo fato de tratar, sempre, de alguma escritura; ou seja, de uma escrita singular, promovida por um escritor-leitor ou leitor-escritor (BARTHES, 2004). Portanto, trata-se de uma escrileitura que é autoral e que não é possível imitar, pois não pode funcionar como modelo de leitura ou método de escrita, visto que estas são avaliadas por sua capacidade de traduzir acontecimentos; capaz de produzir efeitos artísticos, transformar forças em novas maneiras de sentir e de ser, engendrar diferentes práticas de educar e revolucionárias formas de existência (CORAZZA, 2011).

Assim planejou-se e executou-se o Ateliê de Escrileituras denominado *Encontro escrelendo uma vida – Máquina de guerra para uma existência contemporânea* dividido em dois momentos de quatro horas cada. O primeiro deles denominado *Conatus e*, o segundo, *Rabiscos de sensações na produção de um corpo criancero*. Sobre o Ateliê *Conatus* é possível contar sobre os procedimentos metodológicos. Primeiramente foi lido coletivamente o texto *A Metamorfose*, de Franz Kafka em HQ⁷. Na sequência, o estudo dos conceitos corpo, alma, *conatus* e potência de vida em Spinoza e Nietzsche, utilizando programas do Café Filosófico⁸. Compõe o conjunto a apresentação de um trecho do filme *Quando Nietzsche chorou*, demonstrando a ideia de Eterno retorno.

⁷ Texto em quadrinhos da *Metamorfose* de Kafka, adaptado por Peter Kuper.

⁸ A existência como doença com Márcia Tiburi: <http://www.youtube.com/watch?v=e2cm2ug-jOo>; A alegria e o trágico em Nietzsche com Roberto Machado: http://www.youtube.com/watch?v=-36L6Hp5_ug&list=PL9C38121C3514F1BB

Com isso, obtém-se um conjunto filo-artístico a fim de criar procedimentos para interferir na linguagem, no esburacamento com forças ativas de uma vida docente, dita adoecida pelos recursos da pesquisa científica. A oferta desses materiais aconteceu intercalada com exercícios livres de escrituras, culminando na reunião das escrituras em três grupos para a criação de personagens e, posteriormente de um *podcast*⁹ – pequenas novelas para rádio.

Rabiscos de sensações na produção de um corpo crianceiro foi o segundo Ateliê oferecido como fechamento da composição do *Encontro Escrivendo uma vida*, caracterizando-se por proporcionar, aos participantes, vivências infantis. O grupo foi convidado a experimentar circuitos compostos por subsídios filosóficos e artísticos (literatura, músicas, vídeos e animações com poesias), intercalados por elementos do universo crianceiro. Por se tratar de atividades que exigiram disposição corpórea, proporcionou-se um aquecimento físico de alongamento como início das atividades. Como passo seguinte, ocorreu o exercício de *Blablação*, no qual os professores conversavam entre eles, produzindo outras formações de palavras, quase como balbucios, criando uma linguagem própria e explorando-a. Em seguida, propôs-se que andassem pela sala e se juntassem a outro colega, seguindo a conversa na linguagem inventada, podendo formar outros grupos para continuar aquele “bate papo”.

Após a *Blablação* foram propostas brincadeiras tais como Batatinha 1,2,3..., Estátua e Escravos de Jó. Na sequência, realizou-se breve apresentação da biografia de Manoel de Barros e do vídeo *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo*¹⁰. Também a projeção e leitura do livro *Discurso do urso*, de Cortázar (2009). Ainda, partes do documentário *Só Dez Por Cento é Mentira*¹¹, de Manoel de Barros, além de uma caixa com frases retiradas de obras do mesmo autor, as quais foram lidas com o objetivo de fomentar o exercício de escrever. Para complementar as atividades, foram apresentados fragmentos do vídeo *Abecedário*

⁹ Podcast é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3, publicado através de podcasting na internet e atualizado via RSS. A palavra é uma junção de Pod-Personal On Demand (numa tradução literal, pessoal sob demanda) retirada de iPod e broadcast (transmissão de rádio ou televisão).

¹⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>

¹¹ <http://www.youtube.com/watch?v=XCMczEBuII4>

de Gilles Deleuze (2001), focalizando o conceito filosófico devir criança, além da utilização do vídeo educativo *Pensamento infantil*¹², elaborado pela publicação da Revista *Nova Escola*. Para estabelecer uma conversação sobre o vivido durante o trabalho realizado, fizeram-se as seguintes questões: Quais relações são possíveis de estabelecer entre os dispositivos utilizados neste Ateliê, a vida professoral e a composição de esrileituras? Por fim, os participantes foram convidados a montar um livro reunindo folhas A2 recebidas no início do Ateliê. A composição de esrileituras realizadas entre os participantes deu vida às páginas do livro.

O que pode uma escrita e uma leitura?

O processo investigativo favoreceu uma compreensão mais ampliada do binômio saúde-doença, afastando-se da ênfase no corpo adoentado e diluindo fronteiras entre enfermos e saudáveis. O que pode uma escrita e uma leitura? – perguntaria Spinoza (2002). Nunca se chegará a uma resposta exata sobre o processo de esrileiturar. Apenas o que se pretende é focalizar a potência do ler e do escrever e vice-versa como exercício clínico no empreendimento da saúde em detrimento do mal-estar docente.

Verificando os produtos gerados pelos Ateliês, sobre o *Conatus*, é relevante lembrar que se teve como intenção a produção de um podcast como produto dos trabalhos desenvolvidos. Os áudios produzidos, em sua maioria, levaram a deslocar a representação do professor como um profissional desfavorecido na condição financeira e social, ao mesmo tempo que ele é dito como o construtor do “Brasil do futuro”, missão essa tida como um fardo. Uma pesquisa, uma esrileitura, uma pesquisa em esrileituras dizendo do mal-estar que habita em meio à vida professoral, que menos coloca o professor no lugar de construtor de um Brasil melhor, abrigando esse fardo incomensurável. Ou que coloca em um lugar de menor valia frente às categorias laborais. Ficam as questões: Que mal-estar é esse? Que doença é essa? O que aqui ainda se pode dizer? Está o professor de fato adoentado? Não há respostas diretas, objetivas e totalizadoras para tais questões.

¹² <http://www.youtube.com/watch?v=1pyojtilb4Y>

No Ateliê *Rabiscos de sensações na produção de um corpo criancero*, é importante enfatizar as escritas que se propagaram no produto final gerado durante as intervenções filo-artísticas. Observou-se que, nas páginas que compõe o livro, por ora transbordam escritas mais criativas e assentadas no referencial literário utilizado durante as atividades. Ao passo que, em outras partes percebe-se uma relação mais próxima da produção de um senso comum, afastando-se da proposta inicial do trabalho: modos de escrever a *n-1*.

A escrita como empreendimento de saúde foi a aposta, conforme Deleuze propõe em *Crítica e Clínica*. O filósofo indica a literatura como modelo de saúde, na medida em que esta permite invocar um povo que resista a tudo que aprisiona e favoreça estados de existência em variação. Estados que não se pretendem ser identificáveis, mensurados ou categorizados. O que desejou-se foi ver a escrita, mediada por elementos literários e filosóficos, como empreendimento de saúde e processo, que potencializa a vida encontrando uma zona de vizinhança indefinida. Tratou-se de, com as palavras de Deleuze (1997, p.13), elevar a potência do impessoal e destituir-se do poder de dizer “Eu”. A escolha pela literatura foi uma aposta no que tange a sua possibilidade de diferenciar-se e descentralizar-se de alguns marcadores de poder linguísticos, como no caso, o uso de normas ortográficas para escrever.

Nada foi mais provocador do que possibilitar maneiras de fazer escrever a *n-1*, reunindo materiais de uma multiplicidade de saberes, na tentativa de perfurar buracos na linguagem, experimentando outras formas de expressão. Buscou-se acionar as sensações vividas por aqueles professores nos momentos em que experimentavam o trabalho proposto. Na diversidade de elementos elegidos como potentes, capazes de dispor força e vigor ao pensamento, fazendo-os inventar outros povos, outras linguagens, outros devires-professorais para além do já estabelecido.

Conclusão

Dessa forma, destacam-se os Ateliês na proposta de uma escrita que extraí a unidade, o único da multiplicidade a ser constituída, de uma vida potente e

saudável a ser liberada. Uma tentativa multi e transdisciplinar de atuar com a linguagem, que dá lugar à expressão, reunindo elementos e subtraindo, das variedades de coisas, aquilo que estratifica e centraliza o pensamento. Não há maiores dúvidas que os Ateliês de Escrita favorecem outras maneiras de pensar, melhor dizendo, pensar-se. Uma intervenção que destitui as habilidades que um professor deve atingir, previamente definidas como uma identidade a ser alcançada, possibilitando a construção de critérios de existência para uma vida, também docente, mas não somente. Por meio dos Ateliês que, em seus procedimentos de leitura-e-escrita, implicam o campo do vivido, dos sentidos, das sensações e das invenções; solicitam um tempo que não é o cronológico, mas o da duração; autorizam-se a fazer atravessamentos na ortodoxia dos textos, para existir a seu modo; reivindicando outras maneiras possíveis de inscrever signos e de escriturar sentidos.

Esta intervenção que não pretende apenas dizer sobre causas e consequências do adoecer professoral, tampouco enunciar os significados da doença, nem oficializar seus procedimentos e determinar seu evitamento. Procura-se arejar os estratos e as representações do pensamento do senso comum que impõe ao professorado uma condição de funcionamento pautado na doença em função da exigência das mesmas condutas, do ensinar os mesmos conteúdos, do perguntar as mesmas perguntas e formular as mesmas soluções a muitas gerações de alunos. Outros modos possíveis de realizar a docência: Suspender velhos hábitos, deixar de lado aquilo que não eleva uma potência de vida, ativar forte disposição para capturar e agenciar materiais distintos que possibilitem multiplicar-se na variação daquilo que é reunido.

Considerando que “a vida deve ser traduzida, como processo de criação” (VILLANI, 1999, p. 71), nesses circuitos e transcurso tradutórios, os Ateliês privilegiam elementos de funções científicas, de conceitos filosóficos, de perceptos e afectos artísticos, extraídos de obras já realizadas, que outros autores criaram, em outros planos, tempos, espaços, línguas, como as suas efetivas condições de possibilidade, necessárias para a própria execução; e, ao mesmo tempo, como o

seu privilegiado campo de experimentação, necessário para as próprias criações de leitura-e-escrita a *n-1*.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **Inéditos**: v. 1 – teoria. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CORAZZA, Sandra Mara. Notas para pensar as Oficinas de Transcrição (OsT). In: HEUSER, Ester (Org.) **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá, EdUFMT, 2011.
- CORTÁZAR, Júlio. **Discurso do urso**. São Paulo: Galerinha Record, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.
- ESTEVE, J. M. Z. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. 3. ed. Baurú: Edusc, 1999.
- SPINOZA, Baruch de. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- VILLANI, Arnaud. **La guêpe et l'orchidée**: essai sur Gilles Deleuze. Paris: Belin, 1999.
- ZIMMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.